

35.

Chovia quando Scarlett saiu do edifício, e o céu apresentava uma cor mortiça e pastosa. Na praça, os soldados tinham-se abrigado nas respectivas barracas e as ruas estavam desertas. Não se via um único veículo, e ela tomou consciência de que teria de fazer a pé o longo caminho de regresso a casa.

A sensação aconchegante do brande foi-se desvanecendo à medida que caminhava penosamente. O vento gelado fazia-a tiritar, e as gotas frias da chuva fustigavam-lhe o rosto como agulhas. A chuva não tardou a ensopar o manto fino da tia Pitty até Scarlett se achar completamente encharcada. Sabia que o vestido de veludo acabaria por se estragar, e as penas do chapéu estavam sujas e imundas, precisamente como se tivessem saído diretamente da cauda do seu antigo dono quando este se arrastava pela capoeira de Tara. Os ladrilhos do passeio estavam partidos e, em grande parte do caminho, tinham desaparecido por completo. Nesses troços, a lama chegava-lhe até aos tornozelos e os sapatos atolavam-se como ficassem colados, chegando mesmo a sair-lhe dos pés. De cada vez que ela se baixava para os apanhar, a bainha do vestido caía na lama. Já nem tentava evitar as poças, pisava-as com indiferença e arrastava as pesadas saias atrás dela. Conseguia sentir a humidade do saiote e das pantalonas a colar-se-lhe à pele, mas já não queria saber se estragava o traje em que apostara tanto. Estava enregelada, desanimada e desesperada.

Como podia agora voltar para Tara e conseguir encará-los depois das palavras de coragem que lhes tinha dito? Como é que podia agora dizer-lhes que teriam todos de sair... para lugar incerto? Como podia ela abandonar tudo, os campos rubros, os pinheiros altos, as terras panta-

nosas junto ao rio, o tranquilo cemitério onde Ellen jazia, à sombra dos cedros frondosos?

O ódio que sentia por Rhett dilacerava-lhe o coração à medida que se arrastava penosamente pelo caminho escorregadio. Que grande canalha! Desejou ardentemente que o enforcassem para que nunca mais tivesse de olhar para a cara dele, já que agora estava a par da sua desgraça e humilhação. Claro, Rhett poderia ter arranjado o dinheiro para lhe dar se fosse essa a sua vontade. A força era um castigo demasiado brando para ele! Graças a Deus, ele não podia vê-la agora, com o vestido completamente encharcado, o cabelo desgrenhado e a bater os dentes de frio. Devia estar com um aspeto miserável. E como ele riria à sua custa!

Os negros que se cruzavam com ela no caminho faziam-lhe esgares insolentes e riam entre eles ao vê-la estugar o passo, a escorregar e a deslizar na lama, a parar ofegante para voltar a calçar os sapatos. Que grande atrevimento, o deles, a rirem-se dela, esses macacos negros! Que grande atrevimento, a rirem-se dela, Scarlett O'Hara, proprietária de Tara! Teve vontade de mandar chicoteá-los a todos até que o sangue lhes começasse a escorrer pelas costas. Malditos ianques, tinham-lhes concedido a liberdade para que agora eles se achassem no livre direito de fazer pouco dos brancos!

Ao caminhar por Washington Street, a paisagem revelava-se tão desolada quanto o seu próprio coração. Aqui não havia o menor sinal do bulfício e da vivacidade que ela costumava encontrar em Peachtree Street. Noutros tempos, não haviam faltado aqui belas residências, mas agora contavam-se pelos dedos as que tinham sido reerguidas. Era desoladora a frequência com que surgiam na paisagem os alicerces queimados das casas e as isoladas chaminés enegrecidas pelo fumo, que tinham começado entretanto a ser apelidadas de "sentinelas do Sherman". As veredas cobertas pelo matagal conduziam a lugares onde noutros tempos tinham existido casas, e viam-se igualmente antigos jardins cobertos de ervas daninhas mortas, marcos de carruagens gravados com nomes que ela tão bem conhecia, postes para atrelar os cavalos que jamais voltariam a servir para prender rédeas. A chuva e o vento gelados, a lama e as árvores despidas, o silêncio e a desolação. Como os pés dela estavam molhados, e como era longo o caminho para casa!

Ouviu o chapinhar de cascos atrás de si e recolheu-se no passeio estreito para evitar que o manto da tia Pittypat ficasse ainda mais sujo

de lama. Uma caleche puxada por um cavalo subia lentamente a estrada e ela voltou-se para olhar, determinada como estava a suplicar uma boleia se o cocheiro fosse branco. A chuva toldou-lhe a visão assim que a caleche se aproximou, contudo pôde verificar que o cocheiro espreitava por cima da lona que o cobria até ao queixo. O seu rosto era-lhe familiar, e assim que ela saiu para a estrada para ver melhor, ouviu-se o pigarrear embaraçado do homem, e logo uma voz conhecida exclamou num misto de prazer e de espanto: “Será a menina Scarlett? Não é possível!”

“Oh, Sr. Kennedy!”, gritou ela, chapinhando pela estrada e encostando-se à roda enlameada, não querendo já saber se estragava ainda mais o manto. “Nunca na minha vida fiquei tão contente por encontrar alguém!”

Ele corou de satisfação ao dar conta da evidente sinceridade daquelas palavras, e depois de ter esguichado um resto de tabaco do lado contrário da caleche, apeou-se com um salto ágil. Apertou a mão de Scarlett com grande entusiasmo e, de seguida, segurando na lona ao alto, ajudou-a a subir para a caleche.

“O que anda a fazer sozinha nesta zona da cidade, menina Scarlett? Não sabe que agora é perigoso andar desacompanhada por estes lados? Está encharcada até aos ossos. Tome, embrulhe os pés nesta manta.”

Enquanto ele se afligia por sua causa, cacarejando como uma galinha, Scarlett deu-se ao luxo de deixar que tratassem dela. Era agradável ter um homem a preocupar-se com ela, a tagarelar e a descompô-la, mesmo que esse homem fosse apenas o celibatário do Frank Kennedy. Era-lhe especialmente reconfortante depois do tratamento brutal de Rhett. E, oh, como era bom ver uma cara conhecida do condado, agora que se encontrava tão longe de casa! Scarlett reparou que ele estava bem vestido, e a caleche também era nova. O cavalo parecia jovem e bem nutrido, embora Frank parecesse bastante mais velho do que realmente era, mais velho até do que lhe tinha parecido naquela véspera de Natal, quando estivera em Tara com os soldados. Estava magro e tinha o rosto macilento, além de que os seus olhos amarelados estavam lacrimosos e encovados, notando-se-lhe as pregas das peles descaídas. A sua barba ruiva estava mais rala do que nunca, como se passasse o tempo todo a cofiá-la. Ainda assim, parecia bem-disposto e animado, algo que contrastava em grande medida com os traços de amargura, aflição e cansaço que Scarlett via em todos os rostos.

“É um prazer voltar a vê-la”, disse Frank. “Não sabia que estava por cá. Ainda ontem estive com a menina Pittypat e ela não me disse que a Scarlett estava para chegar. Veio... hum... veio mais alguém de Tara consigo?”

Estava a pensar em Suellen, o velho pateta.

“Não”, disse ela, embrulhando-se toda na manta e tentando puxá-la para tapar o pescoço. “Vim sozinha. Não cheguei a avisar a tia Pitty.”

Ele fez um estalido com a língua e o cavalo arrancou a custo, começando a descer a estrada escorregadia com cautela.

“E os seus lá em Tara, têm passado bem?”

“Oh, sim, mais ou menos.”

Devia pensar em alguma coisa para dizer, embora lhe custasse muito falar nesse momento. Sentia um enorme peso na cabeça no rescaldo da sua derrota, e tudo o que lhe apetecia fazer era recostar-se com aquele cobertor quente por cima e repetir para si mesma: “Não vou pensar em Tara agora. Pensarei nisso mais tarde, quando já não me custar tanto.” Se ao menos arranjasse maneira de ele começar a falar de qualquer assunto que o entretivesse até a deixar em casa, bastar-lhe-ia murmurar uns quantos “Que bom” e “Não há dúvidas de que é muito inteligente” de vez em quando.

“Foi uma grande surpresa para mim encontrá-lo, Sr. Kennedy. Tenho-me portado muito mal. Não tenho mantido contacto com os meus amigos de longa data. A verdade é que não sabia que o senhor estava em Atlanta. Lembro-me de alguém me ter dito que estava em Marietta.”

“Tenho negócios em Marietta, e não são poucos”, disse ele. “A menina Suellen não lhe chegou a dizer que eu me tinha mudado para Atlanta? Não lhe falou da minha loja?”

Scarlett tinha uma vaga memória de ouvir Suellen tagarelar a propósito de Frank e de uma loja, mas a verdade é que nunca prestava muita atenção àquilo que Suellen dizia. Na altura, fora-lhe suficiente saber que Frank estava vivo e que mais tarde ou mais cedo acabaria por livrá-la do fardo de Suellen.

“Não, nem uma palavra”, mentiu ela. “Agora tem uma loja? Deve ser uma pessoa muito inteligente!”

Ele pareceu um pouco magoado ao saber que Suellen não tinha divulgado a notícia, contudo ficou animado com a lisonja.

“Sim, sou proprietário de uma loja, e não é uma loja qualquer, parece-me. As pessoas dizem que eu sou um comerciante nato.” Soltou

então uma risadinha satisfeita, o mesmo riso casquinado e abafado que tanto a irritava.

“Pateta convencido”, pensou ela.

“Oh, o senhor poderia sem bem-sucedido em tudo o que experimentasse fazer, Sr. Kennedy. Mas como diabo é que isso da loja foi acontecer? Quando o vi no Natal passado, disse que não tinha um tostão.”

Ele pigarreou com um ruído áspero, cofiou as suíças e sorriu ao seu jeito tímido e nervoso.

“Bom, é uma longa história, menina Scarlett.”

“Graças a Deus”, pensou ela. “Talvez assim ele se entretenha até chegarmos a casa.” E depois disse em voz alta: “Conte-me tudo!”

“Lembra-se da última vez que fomos a Tara, quando andávamos à caça de provisões? Bom, passado pouco tempo entrei no ativo. Refiro-me ao campo de batalha, precisamente. Não quis mais saber do comissariado. O exército não precisava realmente de um comissariado, menina Scarlett, isto porque eram poucas ou nenhuma as provisões que conseguíamos arranjar para os soldados, e entretanto ocorreu-me que o lugar adequado para um homem capaz era na frente de batalha. Bom, combati no corpo de cavalaria por pouco tempo até ter sido atingido no ombro com uma bala *minié*.”

Ele parecia muito orgulhoso, e Scarlett disse: “Que horror!”

“Oh, não foi assim tão mau, não passou de um ferimento ligeiro”, disse ele num tom depreciador. “Mandaram-me para um hospital mais a sul, e, quando estava prestes a ficar bom, os ianques começaram a invadir-nos. Credo, esses sim, foram tempos terríveis! Não fomos sequer avisados com antecedência, e todos os que conseguiam andar uniram esforços para arrastar tudo o que era provisões militares e equipamento hospitalar para a linha de comboios. Tínhamos carregado um comboio quase inteiro quando os ianques entraram por um extremo da cidade, e nós não tivemos outro remédio senão sair pelo outro o mais rapidamente que conseguimos. Credo, foi uma cena deplorável, estar sentado no telhado daquele comboio e ver os ianques a incendiarem as provisões que tínhamos sido obrigados a deixar no entreposto. Menina Scarlett, eles incendiaram quase um quilómetro de material que tínhamos amontoado ao longo da linha de comboio. Só nós é que nos salvámos.”

“Que horror!”

“Sim, a palavra é essa. Horror. Os nossos soldados tinham regressado a Atlanta por essa altura e foi para aqui que nos mandaram. Bom,